



Contribuição de metodologias participativas em estudo de comunidades tradicionais: o caso da Vila Yara, Altônia-PR.

Contribution of participatory methodologies in the study of traditional communities: the case of Vila Yara, Altônia-PR.

CONSTANTINO, Karla Cristhiane¹; NOVAKOSKY, Rodrigo²; KOEFENDER, Elisa³; FEIDEN, Alberto⁴

¹ UNIOESTE, karlaconstantino@gmail.com; ²UFRGS, rodrigo.novakoski@hotmail.com; ³UNIOESTE, ekoezoo@gmail.com ⁴ EMBRAPA-Pantanal, alberto.feiden@embrapa.br

Eixo temático: Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar a importância de metodologias participativas para desenvolver estudos em comunidades tradicionais, além de expor um caso prático de aplicação da referida metodologia, aplicada com moradores do Balneário Vila Yara, Altônia – PR. O presente estudo é exploratório, por meio de uma revisão bibliográfica de caráter analítico a respeito do uso de metodologias participativas com comunidades tradicionais e apresentação do caso prático da população pesquisada. O uso de metodologias participativas permitiu a construção do Mapa da comunidade e garantiu o levantamento e sistematização de informações em relação a comunidade estudada, mostrando que esta proposta apresenta êxito quando se trabalha com estudos em comunidades tradicionais.

Palavras-chave: automobilização; dinâmicas grupais; Parque Nacional de Ilha Grande.

Keywords: automation; group dynamics; Ilha Grande National Park.

Introdução

Ao tratar-se de comunidades tradicionais deve-se pensar nas territorialidades existentes entre a população e o território. Assim sendo, não é possível pensar em uma fórmula de desenvolvimento territorial geral e única, mas sim direcionada e específica dadas as diversas territorialidades. Em vista disso, ao buscar compreender e sistematizar as práticas e conhecimento tradicionais, suas ações individuais ou coletivas, necessidades e anseios presentes, sugere-se o uso de metodologias participativas, por meio de dinâmicas grupais as quais caracterizam-se pelo uso dos materiais de fácil manuseio para construção das informações.

Este trabalho tem por objetivo apresentar a importância de metodologias participativas para desenvolver estudos em comunidades tradicionais, além de expor um caso prático de aplicação da referida metodologia, aplicada com moradores do Balneário Vila Yara, Altônia – PR.

Metodologia

Localização da área de estudo



A Figura 1 apresenta a localização da área de estudo, a qual trata-se no Balneário Vila Yara, localizada no município de Altônia, no noroeste do estado do Paraná. Tem-se como fronteira os limites do Parque Nacional de Ilha Grande o qual é uma Zona Núcleo da Reserva da Biosfera pela Mata Atlântica, de acordo com seu plano de Manejo, apresenta uma área total de 78.875 ha e 20,16% desta área localiza-se no município de Altônia. Além disso, está dentro da Área de Proteção Ambiental (APA) das Ilhas e Várzeas do Rio Paraná. A comunidade estudada é banhada pelas águas do Rio Paraná, a montante do lago da Usina Hidroelétrica da Itaipu Binacional e a jusante da Usina Hidrelétrica Sergio Motta.

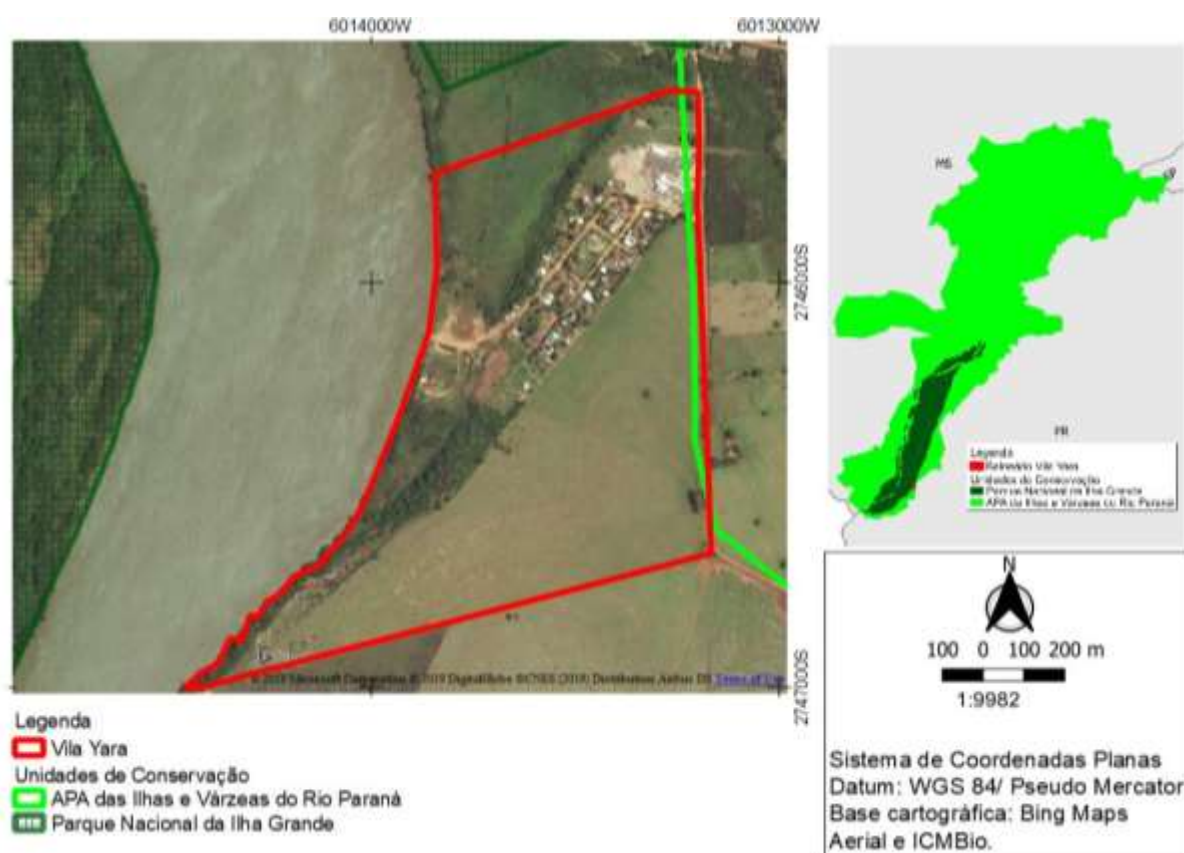


Figura 01. Localização da área de estudo – Balneário Vila Yara em Altônia, PR.
 Fonte: Elaborado pelos autores (2019).

Procedimentos metodológicos

O presente estudo é exploratório e, segundo Richardson (2012), consiste em “conhecer as características de um fenômeno para procurar, posteriormente, explicações das causas e consequências de dito fenômeno”, por meio de uma revisão bibliográfica de caráter analítico a respeito do uso de metodologias participativas com comunidades tradicionais. Além disso, tem-se a apresentação de um caso prático de construção participativa do mapa da comunidade pesquisada, os



moradores da Vila Yara, com o objetivo de levantar dados socioeconômicos, tendo em vista que estas informações não se encontram publicadas. A coleta de dados ocorreu por meio da metodologia proposta pelo Guia Prático de Diagnóstico Rural Participativo, elaborado por Verdejo (2003). Na dinâmica realizada, o grupo composto por 11 participantes, receberam materiais para desenho e os facilitadores apresentaram perguntas chaves que permitiram a delimitação da comunidade, como as quadras, estradas e rio. Em seguida, o grupo inseriu número de habitantes e as atividades econômicas realizadas pelos mesmos.

Resultados e Discussão

Pesquisa Bibliográfica

A participação, de acordo com Guimarães; Lourenço; Lourenço (2007), é entendida como “a habilidade de analisar, ter confiança, controlar, tomar decisões e agir”. Para estimular a participação, os mesmos autores sugerem que é preciso transferir o poder de comando dos agentes externos participantes, dos facilitadores, para a comunidade, menos favorecidos. Existem vários níveis de participação, sendo o mais alto nível a automobilização, na qual as pessoas têm iniciativas para mudar os sistemas, independentemente, de instituições externas.

Pertencimento tem profunda relação com o termo “participativo”, o qual busca-se e utiliza-se cada vez mais, pois se acredita que tudo o que for construído de forma participativa por um grupo, a este grupo pertence e ao mesmo tempo contém um pouco de cada um do grupo. Apresentando também a corresponsabilidade, como implicação, pois se construímos juntos e se nos pertence, somos todos responsáveis por ela (GUIMARÃES; LOURENÇO; LOURENÇO, 2007).

Esta percepção evidencia que os seres humanos são autores de suas próprias ações e que desenvolvimento é, primeiramente, um processo de aprendizado, requerendo diálogo e consciência crítica. Um grupo não pode desenvolver outro. O único tipo possível de desenvolvimento é o autodesenvolvimento, no qual as pessoas entendam e construam suas próprias situações (PINHEIRO, 1995).

As metodologias participativas contribuem para otimizar as relações e ações desenvolvidas na comunidade por agentes externos, além de propiciar o fortalecimento da autonomia destas no planejamento e na gestão das ações, a partir da construção coletiva de conhecimentos, evidenciando a importância de se respeitar o conhecimento do senso comum local. Como a participação é algo construído coletivamente, necessitando de uma boa organização do grupo, o baixo nível de organização do grupo tem se mostrado um desafio para o desenvolvimento local dos mesmos (CAMPOLIN; FEIDEN, 2011).

De acordo com Verdejo (2003), o Diagnóstico Rural Participativo (DRP) é “um conjunto de técnicas e ferramentas que permitem às comunidades fazer o seu



próprio diagnóstico e, a partir daí, começar a auto gerenciar seu planejamento e desenvolvimento”. Objetiva-se iniciar um processo de autorreflexão da comunidade estudada, na qual a equipe facilitadora composta pelos pesquisadores deve ter mínima intervenção no processo, pois busca-se a autodeterminação da comunidade, ou seja, o grupo pesquisado expõe seus problemas e ao mesmo tempo propõe uma solução, através de ferramentas de autoanálise disponibilizada pelos facilitadores.

Relato de caso

A Figura 02 apresenta o Mapa da Comunidade construído, coletivamente, pela população pesquisada. A partir disso, foi possível sistematizar um levantamento preliminar sobre as características socioeconômicas da comunidade estudada. Nota-se que foram identificados elementos físicos que compõe o território estudado. Além disso, constatou-se que existem um total de 100 casas, destas, 37 casas são habitadas por moradores da comunidade; 3 igrejas em funcionamento e 1 desativada; 1 bar e 1 escola, porém também encontra-se desativadas.

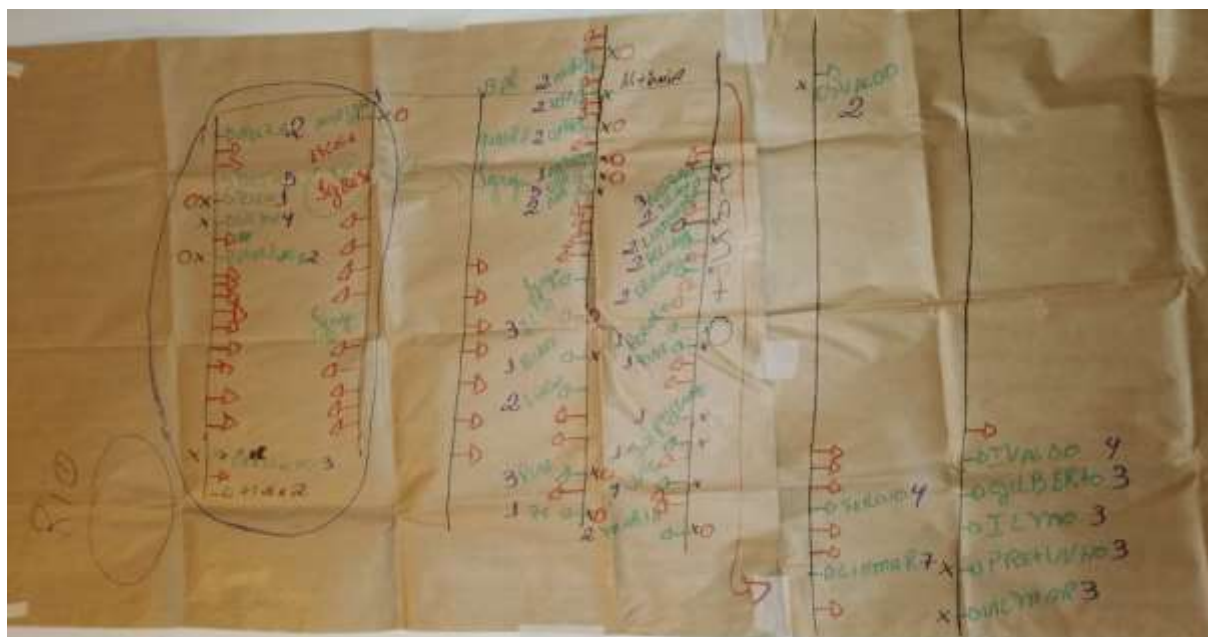


Figura 02. Mapa da Comunidade Vila Yara.
Fonte: Elaborado pela comunidade Vila Yara (2019).

As 37 famílias moradores da comunidade, as quais 11, vivem, exclusivamente, da pesca artesanal, contando com uma pescadora aposentada; das 28 famílias de não pescadores, 12 são aposentados; 10 trabalham como diaristas; 1 é agente de saúde; 1 trabalha no bar; 1 trabalha na olaria em regime de diarista; 1 é ministra da igreja; 1 é empresário; e 1 é agricultor. Entre as 11 famílias de pescadores artesanais que vivem na vila, há 3 que vendem iscas vivas e o restante pescam isca e peixes maiores. A renda mensal gerada, em média, é de um salário mínimo e cerca de 70% da produção de pescado é comercializado na vila pelos próprios



pescadores, o restante é vendido para mercados no município onde podem emitir nota fiscal, pois apesar de não pagarem um preço justo, os pescadores precisam desta comprovação como garantia documental para aposentadoria. Os pescadores artesanais relatam que, na época da piracema a qual a pesca é interrompida, mesmo com a existência do seguro-defeso, a renda é menor do que nos períodos onde podem desenvolver suas atividades laborais. Também foi levantada a preocupação em relação a proibição da pesca da espécie dourado (*Salminus maxillosus*), já que esta garante maior renda.

Conclusões

O uso de metodologias participativas permitiu a construção do mapa da comunidade e garantiu o levantamento e sistematização de informações em relação à mesma, mostrando que essas metodologias apresentam êxito quando se trabalha com comunidades tradicionais, principalmente, ao levar em consideração o baixo nível de instrução formal dos participantes, apesar de que todos possuíam um vasto conhecimento de seu território. Identificou-se que a territorialidade dos moradores da Vila Yara sofre influência da existência de Unidades de conservação, evidenciando o quanto as comunidades tradicionais acabam por serem ignoradas durante a construção de processos de gestão territorial.

Referências bibliográficas

CAMPOLIN, Aldalgiza Inês; FEIDEN, Alberto. **Metodologias Participativas em Agroecologia**. Corumbá: Embrapa Pantanal 2011. 15 p.

GUIMARÃES, R dos R; LOURENÇO, J N de P; LOURENÇO, F de S. **Métodos e técnicas de diagnóstico participativo em sistemas de uso da terra**: apostila de curso. Embrapa Amazônia Ocidental. Documentos, 2007. 40 p.

PINHEIRO, S. L. G. O enfoque sistêmico na pesquisa e extensão rural (FSR/E): novos rumos para a agricultura familiar ou apenas a reformulação de velhos paradigmas de desenvolvimento. In: ENCONTRO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO, 2., 1995, Londrina. **Anais...** Londrina: IAPAR: SBS, 1995.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2012. 420 p.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo**: uma guía práctica. Santo Domingo: Centro Cultural Poveda. 2003. 120 p.